

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



TARTESSOS E TARTÉSSIOS, DE ESTESÍCORO A ÉFORO

Pedro Albuquerque / Uniarq e CLEPUL (Universidade de Lisboa) / Bolseiro de Doutoramento da FCT /
skapedroalbuquerque@gmail.com

RESUMO

As críticas mais recentes aos fundamentos da construção da imagem de Tartessos ao nível da análise das fontes escritas como no papel da Arqueologia neste processo, são o ponto de partida para uma reflexão crítica sobre as referências escritas a Tartessos nas fontes gregas entre finais do séc. VII e meados do séc. IV a.C.. Questiona-se o significado deste nome, bem como as suas variações nestas fontes, enquanto entidade indígena diferenciada dos Fenícios, ao mesmo tempo que se apresentam alguns aspectos metodológicos para a leitura dos textos.

ABSTRACT

The recent critiques pertaining to Tartessos' image in the written sources and the role of Archaeology in this process, are the starting point to a critical reflection about the written references to Tartessos in Greek sources between the end of 7th to the middle of the 4th centuries BC. This article calls into question the meaning of this name, as well as its variations, as an indigenous entity, different from the Phoenicians. At the same time, it presents some methodological questions about the reading of these texts.

I.

Nos últimos anos, a crítica aos fundamentos da construção da “questão tartéssica” através da análise do percurso historiográfico do tema (Martí-Aguilar, 2005) tem vindo a introduzir na comunidade científica um debate mais profundo sobre a representação de Tartessos e dos Tartéssios nas fontes escritas e no discurso arqueológico. Este trabalho incide sobre a produção textual grega, considerando, sobretudo, a importância da sua discussão para questionar a imagem arqueológica de Tartessos como entidade “puramente” indígena.

O volume de informações e bibliografia sobre este tema é inabarcável num trabalho que se pretende breve, conduzindo o signatário a optar por limitar, selectivamente, as referências bibliográficas e a assinalar algumas questões metodológicas que podem ser importantes para a leitura das fontes escritas gregas que referem Tartessos entre finais do séc. VII e meados do séc. IV a.C., i.e., entre Estesícoro e Éforo. Optou-se também por prescindir de citações longas das fontes.

Os autores e obras analisados (Estesícoro, Anacreonte, Hecateu, Heródoto, Herodoro, Teopompo e

Éforo) formam um conjunto pequeno e heterogéneo de *representações* (i.e., imagens fabricadas, num contexto social diferente da entidade representada, num discurso escrito, oral ou visual). Estas representações produzem-se nos “limites e possibilidades dos referentes culturais do observador” (Horta, 1995, p. 190). Observador e autor não são, nestes casos, a mesma pessoa (i.e., estes autores nunca visitaram a Península Ibérica), deixando no discurso o espelho de critérios que presidiram à individualização de uma região ou comunidade. Dito isto, é necessário questionar de que modo estes documentos representam contactos inter-culturais, e se testemunham a história de quem os produz ou a história das comunidades representadas.

Para responder a estas questões, há que ter em linha de conta: (1) o contexto (social e político) em que viveu o autor; (2) o contexto de recepção e os objectivos do seu discurso; (4) o conhecimento que o autor tinha sobre o seu objecto de representação; (5) os critérios de individualização; (6) o papel que o texto analisado desempenha no conjunto da obra e (7), o modo esta chegou até nós. Porém, nem sempre é possível responder a todas estas questões.

II.

A *Gerioneida*, de Estesícoro de Himera, é a referência grega mais antiga a Tartessos (finais do séc. VII/ inícios do séc. VI a.C.), restando da obra alguns fragmentos (Rodríguez, 2001)¹. Sabe-se que relata o Décimo Trabalho de Hércules em *Erytheia* (associada a Gadir por Hdt. IV, 8; Plin., *N.H.* IV, 120, etc.), ou o roubo das vacas do tricéfalo Gérión. O fragmento transmitido por Estrabão (III, 2.11, fr. 184 *PMG*) assinala que Gérión nascera “casi enfrente de la ilustre Eritía junto a las fuentes inagotables del río Tarteso de raíces de plata en la cavidad de una roca” (Trad. F.J. Gómez Espelosín/ Cruz, García e Gómez, 2009). Apesar dos problemas de tradução desta passagem (Ballabriga, 1986, pp. 45ss.; Rodríguez, 2001, p. 160), parece evidente que reproduz um tópico literário (Hes., *Th.* 281 – 282, *apud* Ballabriga, 1986, pp. 49-50, sobre o nascimento de Pégaso junto às fontes do Oceano), o que justificaria a introdução do hidrónimo, por um lado, e manifestaria a confluência de temáticas homéricas e hesiódicas nos seus poemas, por outro (cf. Rodríguez, 2001, p. 129; Robbins, 2008, p. 830).

Pouco se conhece da vida e obra de Estesícoro. Pensa-se que o seu poema influenciou as representações do episódio de Hércules nas cerâmicas áticas durante o séc. VI a.C. (Shapiro, 1997, p. 71), mas este começou a ser representado com anterioridade, a julgar por uma *pyxis* coríntia, datada de meados do séc. VII a.C. (*LIMC*, s.v. Geryoneus, 11; cf. Robertson, 1969, p. 207). Não se sabe, contudo, se estes artistas tinham em mente Tartessos quando elaboraram estas representações, uma vez que outras versões (como aquela que conhecia Hecateu de Mileto) localizavam o episódio na Ambrácia (Arr., *An.* II, 16.5; *THA* IIA, 22/ *FGrH*, 1, fr. 26). De qualquer modo, parece inegável que, pelo menos em Himera, Tartessos era visto como um hidrónimo associado aos trabalhos de Hércules.

A definição de Tartessos como uma região ou, eventualmente, um topónimo, surge na poesia de Anacreonte na segunda metade do séc. VI a.C.; tal como Estesícoro, a vida e a obra do autor são conhecidos através de escassos *testimonia* e fragmentos. Aquele

1. Ao longo destas linhas, utilizam-se os termos “fragmento” e “*testimonium*”. No primeiro incluem-se citações, directas ou indirectas, feitas por autores posteriores, a uma obra ou parte dela. O segundo diz respeito a informações que um autor transmite sobre a vida e obra de outro.

que aqui se assinala foi também transmitido por Estrabão (III, 2. 14, fr. 361 *PMG*) quando descreve a “sua” Turdetânia e a longevidade e a desprocuração dos seus habitantes²: “No quisiera yo ni el cuerno de Amaltea ni ser rey de Tarteso ciento cincuenta años” (Trad. F.J. Gómez Espelosín/ Cruz, García e Gómez, 2009). É interessante verificar que o poeta terá sido acolhido por Polícrates de Samos em c. 536 – 522 a.C. (cf. Hdt. III, 121; *THA* IA, p. 125), permitindo relacionar este excerto com o relato do Sâmio Colaio (*infra*, Hdt. IV, 152) e dos Focenses (Hdt. I, 163), admitindo que Anacreonte se refere à longevidade destes habitantes dos confins do mundo.

Quase ao mesmo tempo que Anacreonte, Hecateu de Mileto (c. 520 a.C.) apresenta um discurso e objectivos bem diferentes daqueles que presidem à elaboração dos poemas dos autores supracitados. Tartessos surge em *Periegesis* (cf. Nenci, 1954, pp. XV-XVI) como corónimo (Tartessos e Tartésside), associado a duas cidades: Elibirge e Ibila (St. Byz., s.v. Ἐλιβύργη/ *FGrH*, 1 fr.1 e Ἰβύλλα/ fr. 45 Nenci; cf. Martí-Aguilar, 2009, p. 90). Estes excertos foram transmitidos indirectamente por Estêvão de Bizâncio, autor de uma obra com preocupações gramaticais e filológicas (séc. VI d.C.). Estêvão concebia Tartessos como uma cidade (s.v. Ταρτησσός), o que permite descartar a hipótese de que os excertos que referem a *Europa* de Hecateu resultem de uma interpretação do bizantino.

Estes fragmentos parecem constituir uma primeira dificuldade, sobretudo pelos significados de Tartessos como rio, região ou cidade. Estes documentos acompanham a transformação de um significado ao longo dos tempos? Ou modos de representar uma realidade distante e desconhecida em contextos diferentes?

Estas questões adquirem pertinência quando nos debruçamos sobre a obra de Heródoto (c. 430 a.C.). Conhecedor crítico da obra de Hecateu (West, 1991), e assumido desconhecedor do Extremo Ocidente (Hdt. III, 115), o historiador de Halicarnasso ou Túrios apresenta nas suas *Histórias* dois sentidos para Tartessos: como *emporion* (IV, 152) e como um (aparente) corónimo que dá origem a um etnónimo (I, 163). A importância da *autopsia* (“ver com os próprios olhos”) para Heródoto é, provavelmente, um

2. O tema da Turdetânia não será aqui discutido, pelo que remeto para García Fernández, 2003 e Moret, 2011, com a bibliografia pertinente.

dos motivos para que estas referências (ou a opinião de Hecateu a este respeito) não tenham grande valor no contexto geral da sua obra, para além de ser evidente que este território não se enquadrava nos objectivos da sua obra (i.e., descrever a etnografia dos povos conquistados pelos Persas).

Heródoto viajou por boa parte do mundo conhecido para responder à questão que coloca no prólogo da sua obra: as razões que levaram ao confronto entre Gregos e Bárbaros. O autor viveu parte da sua vida em Samos, onde tomou contacto com a aristocracia local e onde adquiriu um conjunto importante de informações (Hdt. IV, 151; Albuquerque, 2010, p. 37, com bibliografia), com destaque para a viagem de Colaio. Segundo a tradição sâmia, quando o protagonista saiu de Plateia em direcção ao Egipto, foi surpreendido por uma tempestade que o levou, com “amparo divino”, a Tartessos, um *emporion* vagamente localizado a Ocidente das Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) e que estava inexplorado (*akeraton*) em c. 630 a.C.; como agradecimento pelas riquezas que adquiriu, Colaio ofereceu um *krater* de bronze no templo de Hera, que posteriormente terá sido visto por Heródoto.

O autor pode ter adquirido a informação no Heraion de Samos, onde, aliás, se identificaram pentes de marfim de muito provável origem no mundo “Fenício ocidental” do Baixo Guadalquivir (Aubert, 1978). Do “lado de cá”, os achados de cerâmicas sâmias em Huelva surgem no contexto de um importante porto fenício utilizado, pelo menos, desde finais do séc. X a.C., acompanhando o aumento exponencial de importações gregas (González, 2004, p. 320).

O outro relato herodotiano (I, 163) descreve uma viagem de meados do séc. VI a.C., desta vez protagonizada por uns anónimos Foceenses (note-se que em Hdt. IV, 152, os interlocutores de Colaio são anónimos), que encontram uma região governada por Argantónio, um tirano que, segundo o texto, viveu cento e vinte anos. Há razões para pensar que este relato é similar à cena de hospitalidade entre o generoso (e, provavelmente, longo) Alcínoo e Odisseu (*Odisseia*) ou entre o rei de Melinde e Vasco da Gama (*Os Lusíadas*), desempenhando um papel fundamental na construção da narrativa (Albuquerque, 2010; 2008). Trata-se, em todo o caso, de uma tradição oral, do mesmo modo que o texto anteriormente comentado.

Note-se que o citado texto de Anacreonte foi incluído na obra de Estrabão (III, 2. 14) para estabelecer

uma comparação com a longevidade de Argantónio. De facto, o texto daquele poeta pode remeter para a representação de Tartessos como região, como parece ser o caso de Hdt. I, 163. Porém, considerando a presença de Anacreonte em Samos, é muito provável que o poeta se refira a um *emporion*, já que tanto ele como Heródoto são posteriores à viagem de Colaio. Ou, em alternativa, que tenha havido uma ligeira mudança no modo como se concebia Tartessos em Samos no séc. V a.C.

Heródoto (I, 163) assinala também um etnónimo (Argantónio, “rei dos Tartéssios”)³. Trata-se da referência mais antiga a um possível *ethnos*, mas a variedade de significados do termo na sua obra não permite determinar os critérios utilizados para a individualização deste grupo populacional (Albuquerque, 2013). Além disso, o autor não revela grande interesse pela explicação deste relato, uma vez que surge para justificar a importância da muralha foceense. Não se sabe ao certo se Heródoto refere os súbditos de Argantónio (i.e., habitantes de Tartessos) ou um povo que se designa desse modo (Martí-Aguilar, 2009, p. 92), tornando difícil outorgar um conteúdo étnico a este nome. O pouco conhecimento e desinteresse que Heródoto apresenta pelo Extremo Ocidente aconselham, por conseguinte, alguma prudência na valorização dos seus textos. Estes baseiam-se em tradições orais que fazem parte da memória colectiva daquelas comunidades e que não se regiam pelos mesmos objectivos do historiador de Halicarnasso ou Túrios (cf. Albuquerque, 2010).

Nos *Tratados sobre Hércules* (c. 400 a.C.), uma obra que utiliza a figura do herói para apresentar um discurso geográfico e etnológico e da qual se conhecem bastantes fragmentos (*FGrH*, 31), Herodoro de Heracleia assinala também os Tartéssios. O texto resenhado (*FGrH*, 31, fr. 2a/ Const. Porph. *Adm. Imp.* 23/ St. Byz. s.v. Ἰβηρίαι; *THA* IIa, 46) é estruturado por dois termos: *génos* e *phylê* (“povo” e “tribo”). No primeiro, o autor integra os Iberos e, no segundo, Cinetes (também em Hdt. II, 33 e IV, 49), Gletes, Tartéssios, Elbissínios, Mastienos e Celcianos. Não há, infelizmente, dados que permitam determinar

3. No texto grego surge a expressão *basileus tôn tartéssion*. Note-se que, na tradução portuguesa de M.^a de Fátima Silva e F. Ribeiro Ferreira (Lisboa: Verbo, 2001), a passagem é traduzida por “rei local”. Para a necessidade de apresentar um etnónimo quando se refere um *basileus*, cf. Jones, 1996.

a origem e a cronologia destas informações e, por conseguinte, afirmar com relativo grau de certeza que o texto transmite “la existencia de un grupo humano que se reconoce como *tartésio*” (Martí-Aguilar, 2009, pp. 92-93).

O mesmo pode ser dito em relação aos trabalhos historiográficos de Teopompo (*FGrH*, 115) e Éforo (*FGrH*, 70), ambos discípulos de Isócrates e com actividade em meados do séc. IV a.C.. O conteúdo das suas obras pode ser reconstituído a partir dos vários fragmentos que chegaram até nós. Sabe-se, por exemplo, que foram estruturadas por um discurso moral que espelha a produção historiográfica resultante da desintegração da *polis*, bem como a consequente procura de novos valores para a sociedade (Schepens, 1977, pp. 97-98). Um desses valores, bebido de Isócrates, é a união dos Gregos contra os Persas (Signes & Guzmán, 2007, pp. IX ss.; cf. *Isoc.* IV, 3, de c. 380 a.C.). Sabe-se também que o primeiro incidiu sobre personalidades individuais e o segundo sobre personalidades colectivas (Pawnall, 2007, p. 151).

Os textos de Teopompo que fazem parte desta análise provêm, novamente, de Estêvão de Bizâncio. Aí assinalar-se-iam uma região (Massia; St. Byz., s.v. *Μασσία*; *FGrH*, 115, fr. 200) e um *ethnos* (Tletes; St. Byz., s.v. *Τλήτες*; *FGrH*, 115, fr. 201) como vizinhos dos *Tartéssios*. Nestes fragmentos, contrariamente a Hecateu, Massia é um corónimo e Tartéssios um etnónimo (cf. Martí-Aguilar, 2009, p. 95). A obra de Teopompo, *Filípicas*, coloca, assim, três (entre outros) problemas de leitura: (1) o sentido de *ethnos*, que pode estar próximo da definição aristotélica (i.e., *ethnos* como referente de povos estrangeiros e o oposto de *polis*: Chantraine, 1968, s.v. *ἔθνος*), ou da definição de *grupo* que vimos em Heródoto; (2) o papel que os Tartéssios desempenham na história do percurso individual de Filipe II da Macedónia e (3) a falta de enquadramento cronológico dessa referência. Um aspecto marcante das *Filípicas* de Teopompo é o conjunto de desvios à narrativa principal (Pawnall, 2007, com uma análise detalhada), o que pode justificar a integração de um tema que parece marginal em relação ao conjunto da obra, tal como verificámos com os textos de Heródoto. Tão pouco se sabe qual o grau de conhecimentos que o autor tinha sobre a Península Ibérica, quais as suas fontes de informação e, em última análise, os critérios que utiliza para individualizar um *ethnos*.

Podemos apontar os mesmos problemas à obra de Éforo, amplamente citada e discutida por Estrabão

por se tratar de uma das suas principais fontes. O fragmento aqui assinalado adquire um interesse muito particular: segundo o geógrafo de Amásia, Éforo aponta os Tartéssios como fonte de informação para o conhecimento dos movimentos dos Etíopes no Mediterrâneo (Str. I, 2.26 / *FGrH*, 70, fr. 128, *apud* Martí-Aguilar, 2009, p. 95). Novamente, não se sabe se esta informação é contemporânea de Éforo ou se este se baseia num outro texto, o que, aliás, não seria de estranhar; de facto, Políbio refere-o como um “historiador de gabinete” (XII, 25ss., *apud* Schepens, 1977, p. 96; Cruz, García & Gómez, 2009, p. 378). Flávio Josefo, por seu turno, aponta as debilidades das suas observações etnográficas (*Ap.* I, 67-68).

A questão parece complicar-se quando se constata que a obra de Éforo abarcava um percurso histórico compreendido entre 1069 e 341/340 a.C. (Marincola, 2007, p. 172), ficando por saber o contexto exacto em que os Tartéssios (ou os Etíopes) surgiram em todo esse percurso. Atendendo ao citado *testimonium* de Políbio, o autor não recorreu à *autopsia* como Heródoto e terá adquirido informações noutras obras; essas podem ser todas aquelas que tratámos até este momento, ou outras que desconhecemos. Por conseguinte, repete-se um problema transversal aos textos aqui analisados: a indefinição do significado do etnónimo, do mesmo modo que a localização da região ou do famoso *emporion*.

III.

Os textos posteriores começaram a conferir a Gadir um papel extraordinário nas várias tentativas de localização de Tartessos, associando muitas vezes o etnónimo a esta cidade (mais recentemente, Martí-Aguilar, 2007). Poderíamos, ainda que muito remotamente, ver o início dessas tradições no texto de Éforo, mas é pouco prudente seguir esta via de interpretação. Em todo o caso, a II Guerra Púnica acabou por marcar um ponto de viragem no percurso histórico da Península Ibérica e, consequentemente, das representações; a partir da conquista romana, a integração de novos territórios num sistema político mais amplo conduziu à necessidade de obter informações detalhadas sobre os povos conquistados e sobre o seu passado. Em suma, gerou novos interesses. Isto justifica o facto de conhecermos boa parte dos textos de autores mais antigos nas obras de Políbio, Estrabão ou Plínio-o-Velho,

etc., bem como o aumento (quantitativo e qualitativo) do volume e tipo de informação sobre relatos de fundação (Gadir em Str. III, 5,5) ou de tradições orais que vinculam Gadir a Tartessos, para apontar dois exemplos significativos.

É natural que os acontecimentos históricos moldem a identidade de uma comunidade, condicionando ou determinando o modo como esta representa os outros, ou como se representa a si própria. As fontes acabam, assim, por conservar uma das várias fases que uma tradição (escrita ou oral) tem na memória colectiva de uma comunidade, espelhando a sua história, ou melhor, a sua imagem histórica. Podemos, portanto, questionar até que ponto estes documentos são fiáveis como fontes históricas para delimitar os contornos da “sociedade tartéssica”.

É por este motivo que Avieno foi excluído desta análise, uma vez que *Ora Maritima* é, no essencial, um poema do séc. IV d.C. e não um périplo massaliota do séc. VI a.C., como muito bem demonstrou F. González Ponce (1995). Foi Schulten quem lançou as bases para esta leitura.

IV.

Este investigador pode ser considerado o “inventor” da ideia de uma “civilização tartéssica” que germinou no Ocidente, fundada, primeiro, por Gregos (em 1924, na primeira edição de *Tartessos*) e, depois, por Tirsenos (1945²). Como é do conhecimento geral, procurou identificar a cidade de Tartessos a partir de Avieno, mas sem sucesso. Com razão, Maluquer de Motes (1955) apercebeu-se da principal debilidade da obra de Schulten (a Arqueologia) e, reclamando uma origem autóctone de Tartessos, propôs a procura de vestígios dessa sociedade indígena cujos testemunhos seriam, genericamente, os materiais que não podiam ser classificados como “orientais” ou “fenícios”. Esta premissa foi fundamental para a análise de El Carambolo por Carriazo a partir de 1958, bem como para o “boom” de escavações estratigráficas em sítios como Carmona, Cerro Macareno, Colina de los Quemados, etc., destinadas a apreender as fases de um processo que resultaria na imagem transmitida pelas fontes⁴.

4. Nas palavras de Maluquer, “las fuentes literarias [...] nos presentan en definitiva el resultado, la consecuencia, de la acción colonial; callan, sin embargo, las etapas de su proceso” (Maluquer, 1955, p. 242).

A “Arqueologia Tartéssica” fundou-se, portanto, na convicção de que as fontes escritas eram autoridades inquestionáveis. O Congresso de Jerez de la Frontera (1968) é um testemunho eloquente de toda esta renovação e reorientação da análise de Tartessos como problema arqueológico (cf. Torres, 2002; Martí-Aguilar, 2005). Em poucas palavras, Tartessos acabou por ser vista como uma “civilização” cujo centro estaria no Baixo Guadalquivir (cf. Str. III, 2. 11, com a identificação do hidrónimo de Estesícoro com o Betis/Guadalquivir), originando-se no Bronze Final; a colonização fenícia seria parte deste processo, impulsionando a complexificação social e a orientalização, resultando na formação de monarquias como a de Argantónio; esta localização no Baixo Guadalquivir foi, por sua vez, fundamental para considerar como “tartéssicos” os topónimos que se concentram nessa área e para fundamentar hipóteses posteriores sobre uma “colonização tartéssica” noutras regiões da Península (Almagro & Torres, 2009).

Assim, o reconhecimento de todo um percurso historiográfico da imagem de Tartessos (Martí-Aguilar, 2005), é fundamental para perceber as limitações do conceito de “sociedade tartéssica”. É também fundamental para verificar que esta imagem arqueológica é, igualmente, uma representação feita a partir de um conjunto de critérios que procuram justificar o apriorismo de uma sociedade puramente indígena e diferenciada dos Fenícios, cuja essência se manteve ao longo de vários séculos.

V.

Pelo que vimos até este ponto, a imagem que as fontes escritas transmitem sobre Tartessos não é uniforme: pode ser um rio (Estesícoro), uma região (Anacreonte? Hecateu, Heródoto) ou um *emporion* (Anacreonte? Heródoto). Nota-se, no entanto, que a partir de finais do séc. V a.C., estes textos começam a assinalar um etnónimo (Heródoto, Herodoro, Teopompo e Éforo). Este percurso revela, por um lado, a progressiva integração de Tartessos num mundo grego racionalizado (Cruz Andreotti, 1995) e, por outro, a variedade de sentidos que o nome pode ter em cada um dos contextos assinalados. Se esta entidade é diferente dos Fenícios, ou se representa os “Fenícios ocidentais”, as fontes nada dizem a esse respeito.

Atendendo, por outro lado, ao registo arqueológico contemporâneo dos textos, parece evidente que a

representação grega incidiria sobre um mundo marcado pela matriz oriental. Os achados de Huelva, por exemplo (González, Serrano & Llopart, 2005), surgem na sequência de um importante porto “fenício”, e parecem corresponder, *grosso modo*, às representações de Sâmios (Hdt. IV, 152) e Foceenses (Hdt. I, 163). Os pentes de marfim identificados em Samos (Aubet, 1978, fig. 9-10), por seu turno, podem ter sido produzidos no Baixo Guadalquivir, onde, aliás, também se nota uma forte presença oriental, intensificada a partir do séc. VII a.C.

Este registo pode testemunhar o modo como estas fontes interpretaram estes contactos e representações, mas, sobretudo, como os transmitiram no seu próprio contexto. O seu uso para definir a história das comunidades representadas, como podemos ver pelo conteúdo dos textos, está sujeito a muitos problemas, sobretudo porque não dispomos de informações suficientemente claras sobre os critérios de individualização (tanto dos autores como da entidade representada), comentário que se estende à localização de Tartessos.

Neste sentido, a leitura arqueológica da “questão tartéssica” pode ser pautada por um outro olhar, emancipando-se dos apriorismos essencialistas que marcaram a investigação a partir da década de 50 do século passado, no sentido de uma Arqueologia crítica que contribui, com os meios que tem à sua disposição, para a discussão das fontes escritas (e *vice-versa*), e não para a reprodução de pensamentos já há muito ultrapassados no domínio da crítica textual.

BIBLIOGRAFIA

As abreviaturas das fontes clássicas seguem o *Greek – English Lexicon*, de Lidell e Scott (1958), e *Oxford Latin Dictionary*, editado por Glarke (2012²).

ALBUQUERQUE, Pedro (2008) – Camões e Tartessos: leituras em torno de dois excertos d’*Os Lusíadas*. *Spal*. Sevilla. 17, pp. 137 - 168.

ALBUQUERQUE, Pedro (2010) – *Tartessos: Entre mitos e representações*. Lisboa: Uniarq, Universidade de Lisboa (*Cardernos da Uniarq*, nº 6).

ALBUQUERQUE, Pedro (2013) – Alguns pontos de interrogação sobre identidade(s) e território(s) em Tartessos. *Spal*. Sevilla. 21, pp. 39 - 52.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; TORRES ORTIZ, Mariano (2009) – La colonización de la costa atlántica de Portugal: ¿Fenicios o Tartesios? *Paleohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 113-142.

BALLABRIGA, Alain (1986) – *Le Soleil et le Tartare: L’image mythique du monde en Grèce archaïque*. Paris: EHESS.

AUBET SEMMLER, María Eugenia (1978) – Los marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir, I: Cruz del Negro. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 44, pp. 15-88.

CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo (1995) – La Península Ibérica en los límites de la ecumene: el caso de Tartessos. *Polis*. Alcalá de Henares, 7, p. 39-75.

CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; GARCÍA QUINTELA, Marco; GÓMEZ ESPELOSÍN, Javier (2009) – *Estrabón: Geografía de Iberia*. Madrid: Alianza Editorial.

CHANTRAINE, Pierre (1968) – *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris: Klincksieck.

FGRH: JACOBY, Felix (1954-1963) – *Die Fragmente der Griechischen Historiker*. Leiden: Brill.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José (2003) – *Los Turdetanos en la Historia: análisis de los testimonios literarios grecolatinos*. Écija: Gráficas Sol.

GONZÁLEZ DE CANALES, Fernando; SERRANO PICHARDO, Leonardo; LLOPART GÓMEZ, Jorge (2005) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-750 a.C.)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

GONZÁLEZ PONCE, Francisco (1995) – *Avieno y el Périplo*. Écija: Gráficas Sol.

HORTA, José da Silva (1995) – Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações. In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África: Actas das sessões realizadas na Fundação Calouste Gulbenkian nos dias 7, 8 e 9 de junho de 1994*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 181-200.

- JONES, C.P. (1996) – Ἑθνος and Γένος in Herodotus. *Classical Quarterly*. Cambridge. 46: 2, pp. 315-320.
- LIMC: AAVV (1981 - 1999) – *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Zürich [etc.]: Artemis & Winkler.
- MALUQUER DE MOTES, Juan (1955) – El proceso histórico de las primitivas poblaciones peninsulares II. *Zephyrus*. Salamanca. 6, pp. 241-255.
- MARTÍ-AGUILAR, Manuel Álvarez (2005) – *Tarteso: La construcción de un mito en la historiografía española*. Málaga: CEDMA.
- MARTÍ-AGUILAR, Manuel Álvarez (2007) – Arganthonius Gaditanus: La identificación de Gadir y Tartessos en la tradición antigua. *Klio*. Berlin. 89 (2), pp. 477-492.
- MARTÍ-AGUILAR, Manuel Álvarez (2009) – Identidad y Etnia en Tartessos. *Arqueología Espacial*. Zaragoza. 27, pp. 79-111.
- MORET, Pierre (2011) – ¿Dónde estaban los *Turdetani*? Recovecos y metamorfosis de un nombre, de Catón a Estrabón. In Martí - Aguilar, Manuel Álvarez, ed. – *Fenicios en Tartessos: nuevas perspectivas*. Oxford: Archaeopress (BAR international Series, nº 2245), pp. 235-248.
- NENCI, Giuseppe (1954) – *Hecataei Milesi: Fragmenta*. Firenze: La Nuova Italia Editrice.
- PAWNALL, Frances (2007) – *Lessons from the Past: The moral use of History in Fourth – Century Prose*. [S.l.]: University of Michigan Press.
- PMG = PAGE, Denys Lionel (1962) – *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press.
- ROBBINS, Emmet (2008) – Stesichorus. In Cancik, Hubert; Schneider, Helmut, eds. – *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World*, Vol. 13. Leiden, Boston: Brill, pp. 829-830.
- ROBERTSON, Martin (1969) – Geryoneis: Stesichorus and the Vase-Painters. *The Classical Quarterly*, New Series. Cambridge. 19: 2, pp. 207-221.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco José (2001) – *Lírica Griega Arcaica (poemas corales y monódicos, 700-300 a.C.)*. Madrid: Gredos.
- SCHEPENS, Guido (1977) – Historiographical problems in Ephorus. In *Historiographia Antiqua: Commentationes Lovanienses in Honorem W. Peremans Septuagenarii Editae*. Leuven: Leuven University Press, pp. 95-118.
- SCHULTEN, Adolf (1945) – *Tartessos*. Madrid: Espasa – Calpe.
- SHAPIRO, Harvey Alan (1997) – *Mith into Art: Poet and Painter in Classical Greece*. London, New York: Routledge.
- SIGNES CODOÑER, Juan; GUZMÁN HERMIDA, Juan Manuel (2007) – *Isócrates. Discursos*. Madrid: Gredos.
- WAGNER, Carlos González (2005) – Fenicios en el Extremo Occidente. Conflicto y violencia en el contexto colonial arcaico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8: 2, pp. 177- 192.
- WEST, Stephanie (1991) – Herodotus' Portrait of Hecataeus. *Journal of Hellenic Studies*. Cambridge. 111, pp. 144-60.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua